

Oswaldo Cabral: produção e circulação de conhecimento médico científico em Santa Catarina, 1920-1970

Oswaldo Cabral: production and circulation of scientific medical knowledge in Santa Catarina, 1920-1970

Marcelo Sabino Martins

Doutorando em Educação

Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

marcelo.sabino.martins@gmail.com

Recebido em: 22/10/2021

Aprovado em: 10/02/2022

Resumo: O texto apresenta parte de resultado de pesquisa realizada durante o doutorado que colimou com a escrita da tese intitulada “Entre a pena e o bisturi: Oswaldo Cabral e a colonização da memória em Santa Catarina (1929-1972)”. Aqui aborda-se a questão da produção e disseminação de informações médico científicas em Santa Catarina, por meio de livros de história escritos pelo médico e historiador catarinense, Oswaldo Rodrigues Cabral, entre as décadas de 1920 e 1970. Principal produtor de material histórico neste período no estado, Cabral serve como um difusor das pesquisas em medicina e tradutor do conhecimento para uma linguagem mais popular, sobretudo em relação às doenças causadas por agentes microscópicos. Também foi um defensor dos preceitos de higiene e hábitos sanitários como importante ação de combate à mortalidade e atraso econômico no Brasil. Justificou suas pesquisas como sendo uma missão para a construção de uma nação civilizada no Brasil, por meio da inibição da disseminação de práticas de cura ligadas, principalmente, à cultura e religiosidade de matriz africana no país, de um modo geral, e em Santa Catarina, em particular.

Palavras-chave: Santa Catarina; conhecimento; medicina.

Resumen/Abstract: The text aims to present part of the results of research carried out during the doctorate that collided with the thesis entitled “Between the pen and the scalpel: Oswaldo Cabral and the colonization of memory in Santa Catarina (1929-1972)”. Here, the question of the production and dissemination of scientific medical information in Santa Catarina, a southern state of Brazil, through history books written by a doctor and historian from Santa Catarina, Oswaldo Rodrigues Cabral, between the 1920s and 1970s. A producer of historical material in the state during this period, Cabral served as a diffuser of research in medicine and a translator of knowledge into a more popular language, specially in relation to diseases caused by microscopic agentes. He also was an advocate of hygiene and sanitary habits as an important action to combat mortality and economic backwardness in Brazil. He justified his research as a mission to build a civilized nation in Brazil, by inhibiting the dissemination

of healing practices linked mainly to African culture and religiosity in the country, in general, and in Santa Catarina, in particular.

Palabras clave/Keywords: Santa Catarina; knowledge; medicine.

Construindo uma nação civilizada e sanitizada

Durante a primeira metade deste “breve século XX” (HOBSBAWM, 1995), houve no Brasil um movimento encampado por intelectuais que, de alguma forma, incumbiram-se de “pensar” e “construir” uma nação dita “civilizada”¹ nos trópicos (SABINO MARTINS, 2018).

Este movimento teve como período inicial a década de 1920 e consistia em um grupo de pessoas preocupadas em estabelecer a própria ideia do que vinha a ser um intelectual e quais suas funções na sociedade (ANDRADE, 1974). Muitos destes intelectuais, principalmente a partir da década de 1930, passaram a atuar dentro do próprio Estado, pensando e elaborando políticas públicas voltadas à sociedade brasileira. Agiam, em grande medida, como se fossem os mais habilitados na construção de uma nação avançada, tendo por modelo, a Europa (VELLOSO, 1987). Notadamente a ideia de uma nação civilizada, por eles compartilhada, estava intimamente relacionada com ideias de civilização e de ciência europeias.

Vale constar o quanto estas ideias e teorias sustentaram um determinado conhecimento científico, seja em uma ideia de raça, de cultura, de nação, mas, também ideias do que seria saúde e ciência, todos a partir de preceitos eurocêntricos. Estas teorias, grosso modo, podem ser entendidas enquanto “performances” (SHAPIN, 2013), as quais visavam estabelecer uma certa unidade mundial a partir de uma dada racionalidade dita moderna.

No entanto, estas performances ora estão em voga, ora caem por terra, o que não quer dizer necessariamente que tenham desaparecido. Além do que não dependem somente de um suporte escrito, mas sim de ações, leituras, discursos, falas, conversas. Enfim, uma série de repertórios que partem do indivíduo que as reproduziu, das instâncias que as produzem e divulgam. Atingindo uma

1 Para uma ideia de civilização/civilizada neste texto, utilizaremos o conceito teórico proposto por Norbert Elias para quem civilização pode expressar um processo de longa duração pautado por lentas transformações dos padrões sociais de autorregulação (2006, 53). Este processo não se dá de forma linear e evolutiva, mas de forma contínua provocados por impulsos e contraimpulsos (1993, 193).

comunidade que utilizam destes repertórios e os recepcionam. Mesmo discordando das ideias por detrás destes repertórios em circulação em um dado “campo intelectual” (BOURDIEU, 1983).

Assim, este texto visa abordar a produção e circulação de saberes médicos científicos em Santa Catarina tendo por base repertórios bibliográficos escritos pelo médico e historiador catarinense Oswaldo Rodrigues Cabral (1903-1978).

Tem como base parte dos resultados obtidos durante pesquisa de doutorado que teve como proposta a leitura de um conjunto de obras escritas por Oswaldo Rodrigues Cabral. Tais obras tinham como objetivo principal a divulgação de um conhecimento científico sobre saúde e medicina, pensados a partir de uma matriz eurocêntrica.

É possível perceber uma forma patriarcal e preconceituosa com a qual o médico catarinense escrevia sobre temas relacionados à nação, à cultura, à raça, aos usos e costumes ditos populares. Em circulação no Brasil, de um modo geral, e em Santa Catarina, em particular. Com destaque às práticas de cura classificadas por Cabral como não científicas as quais classificava de “charlatanismo”, “curandeirismo” e “feitiçaria” (SABINO MARTINS, 2018).

É fundamental o entendimento de que a escrita de Cabral foi devedora de um conjunto de valores culturais cujas teorias explicativas estavam em ampla ascensão no Brasil e no mundo. Tendo como foco, principalmente, as décadas de 20 a 70 do século XX, em que se concentraram a maior parte da produção bibliográfica do autor apresentado.

Oswaldo Cabral foi responsável por um extenso repertório sobre parte da história e cultura de Santa Catarina. Repertório o qual o próprio Cabral, segundo foi possível perceber na maioria de seus textos, foi entendido como fundamental no processo de transformação do Brasil em uma nação “civilizada” e “sanitizada”. Ou seja, a produção bibliográfica é tomada como parte de um processo cujo fim, em si, era a difusão, popularização e divulgação da ciência (FIGUEIREDO, 2005).

Pode-se perceber que ao produzir e fazer circular seus livros sobre a história de Santa Catarina, principalmente os que abordavam aspectos sanitários e sobre saúde e doença, Oswaldo Cabral pode ter promovido uma colonização de parte das memórias e da história da população indígena e de africanos nesta região ao sul do Brasil.

Essa colonização das memórias se deu quando costumes, saberes e conhecimentos ditos populares, principalmente os relacionados aos povos indígenas e africanos e suas relações com as doenças e suas curas, surgem em uma narrativa que os transformava em povos “primitivos”, “atrasados”, “incivilizados”. E, ainda, colocava estes saberes em oposição ao conjunto de ideias sobre saúde, medicina e cura de matriz europeia (SABINO MARTINS, 2018).

O conhecimento “europeu” sobre doença e saúde estava relacionado com uma etiologia de matriz eminentemente socioambiental em que, de modo geral, saúde e doença estariam intimamente relacionados às questões miasmáticas e de higiene (AMARAL, 2020). Este era o entendimento que Cabral tinha sobre saúde e doença, conforme foi possível observar na leitura de sua bibliografia sobre o tema.

Importante observar que a partir das décadas de 1930 e 1940 uma medicina de caráter mais ortodoxo ganha espaço e consolida uma narrativa sobre a história das práticas médicas no Brasil, geralmente, silenciando a presença de outras narrativas e práticas de cura e entendimentos sobre doença e saúde no Brasil (WEBER, 2006).

De forma a reforçar uma certa predominância de uma dada versão historiográfica sobre a medicina, há que se lembrar que houve um empenho por parte de médicos que, por meio de textos por exemplo, em consolidar uma certa memória gloriosa da medicina dita científica. Quase sempre em oposição as tantas outras formas de entender a doença já existentes na sociedade brasileira. Demarcando uma fase construída como de predominância pré-científica, ou seja, de uma medicina pautada em saberes populares. E uma outra que seria eminentemente científica, aquela praticada com base nos conhecimentos vindos ou consolidados nas Universidades Europeias (EDLER, 1998).

Convém observar que esta é uma época em que se pretende consolidar, no Brasil, um entendimento sobre doença e saúde com bases ditas científicas. E que, para tanto, havia um investimento por parte dos médicos acadêmicos na construção de um cabedal de escritos (livros, manuais, almanaques, textos, artigos etc.) de modo a obter uma preponderância da medicina dita científica sobre as demais. Embora se saiba que cada época constrói seu próprio conhecimento sobre doença e saúde, bem como definem o que é um corpo são ou um corpo doente e fazem circular esses entendimentos nos espaços acadêmicos ou espaços não acadêmicos de diversas formas (FIGUEIREDO, 2005).

O médico e memorialista catarinense Oswaldo Rodrigues Cabral, desta forma, não fugiu a uma interpretação recorrente entre os intelectuais brasileiros, com destaque aos médicos, daquele período e contexto histórico. Os quais acreditavam que somente a ciência médica europeia seria capaz de transformar o Brasil em uma nação civilizada e moderna tendo como parâmetro a Europa.

Os “fios” e os “rastros” do repertório médico científico em Santa Catarina

Perseguindo-se os “fios” e “rastros” (GINZBURG, 2007) por entre os textos escritos de Cabral, foi possível chegar à constatação de que houve uma espécie, ou tentativa de colonização da memória coletiva² dita catarinense. Sobretudo quando levamos em conta a escrita de todo um repertório de obras ditas históricas sobre aspectos culturais, sociais e econômicos de Santa Catarina.

Esta colonização de parte da memória de Santa Catarina, de sua gente e cultura, manifestava-se, principalmente, no conjunto da obra bibliográfica de Cabral. A exemplo da atribuição feita por Cabral de que à vitória da colonização da assim chamada, por uma historiografia catarinense mais tradicional, “pequena pátria catarinense” (GONÇALVES, 2006) deu-se em razão de sua origem eminentemente europeia. Principalmente os de descendência portuguesa, alemã e italiana, nesta ordem de importância. Apesar de tantos outros grupos que constituíram e contribuíram histórica, culturalmente e economicamente para a formação da região.

Os “fios” ou os “rastros” a que nos referimos anteriormente consistem na forma como o tema das práticas de cura ditas populares foram tratadas nas obras do escritor e médico catarinense Oswaldo Rodrigues Cabral. Sobretudo a forma como as tantas “artes” e “ofícios” de curar, bem como os diferentes praticantes foram abordados e descritos³.

Vale destacar a forma como Cabral se referia às práticas de cura há muito arraigadas na população catarinense, principalmente na região litorânea do estado, território este que foi o cenário mais presente nas pesquisas do autor.

Pontuaremos, a seguir, parte da visão que Oswaldo Cabral demonstrava ter sobre as práticas de cura pautadas por um saber que não estava alinhado com o conhecimento dito médico científico.

² Sobre o conceito de memória coletiva, ver POLLAK, 1989, pp. 3-6

³ Para uma ideia da pluralidade de práticas e profissionais das artes de curar ver: FIGUEIREDO, 2008; CHALHOUB *et al*, 2003; SAMPAIO, 2001; WEBER 1999; WITTER, 2001, entre outros.

A exemplo das benzeduras, simpatias e outras artes de curar amplamente utilizadas pela população local.

No livro *A Medicina Teológica e as benzeduras: suas raízes na História e sua persistência no Folclore* (1958), Oswaldo Cabral tenta dar conta do processo evolutivo dos acontecimentos históricos e do grau de desenvolvimento dos povos a partir do modo como cada sociedade entende e atua sobre a doença e suas práticas de cura.

Segundo o que se pode inferir da leitura do livro acima referenciado, Cabral parecia acreditar que seriam mais “desenvolvidas” as sociedades cujas práticas de cura estivessem mais próximas da assim chamada por ele “moderna ciência médico-científica”. Por conseguinte, seriam menos “evoluídos e civilizados” aqueles que ainda acreditavam ser a doença e a cura resultados do jogo de forças espirituais (CABRAL, 1958, p. 37-73).

Para Cabral o grau de civilização de cada povo seguia três estágios evolutivos consecutivos. No caso brasileiro, no entanto, esses três estágios findam por se interpenetrarem e conviverem (CABRAL, 1957, p. 37). Devendo, portanto, haver uma intervenção mais efetiva para que aqueles povos que ainda permanecessem, ou insistissem em manterem-se nos graus “menos evolutivos”, fossem, por fim, suplantados e encaminhados à “civilização” pelos representantes das civilizações mais avançadas (SABINO MARTINS, 2018).

As sociedades menos civilizadas, segundo essa teoria aparentemente defendida por Cabral, teriam como característica a crença na magia, no ocultismo e na “feitiçaria”. Ou seja, a doença seria compreendida como o resultado de forças sobrenaturais de toda ordem”. Logo, a cura, nesta mesma visão, seria a eliminação da ação de “espíritos maléficos” que estavam atuando sobre o corpo. A esta visão, era classificada a sociedade como pertencente a um estágio denominado de Medicina Mágica (CABRAL, 1957, p. 74) ou de “Medicina popular” ou “Curandeirismo” (SANTOS FILHO, 1991).

Haveria, ainda, sociedades que ocupavam um segundo grau evolutivo, denominado Medicina Teológica ou Sacerdotal. Conforme escreveu Cabral, estas seriam aquelas sociedades que entendiam ser as doenças e as curas promovidas por ação divina.

Cabral parece entender que as sociedades que estariam neste segundo estágio não eram incompatíveis com a “medicina científica”, esta seria a característica das sociedades que ocupavam o terceiro e último grau na “evolução” (CABRAL, 1957, p. 35).

O conceito teológico da medicina, consequência da fé e da crença, não desapareceu nos dias de medicina científica. Se os sacerdotes deixaram de curar, de ser médicos do corpo para ser apenas d'almas, aqueles que o fizeram em séculos passados, que socorreram os doentes, que operaram curas, ou que a lenda tecida em torno da sua vida aponta como realizadores do milagre da cura, continuam a ser invocados em seus nomes para intercederem junto ao Todo Poderoso pelos portadores dos mesmos males que suportaram ou que curaram aos seus contemporâneos. Daí os patronatos, os advogados contra as diversas doenças e males, cuja intercessão é solicitada e deprecada. A Igreja considera valiosa esta crença e não desautoriza a invocação dos Santos, antes a aconselha e aprova – ao mesmo tempo que considera **a ciência braço de Deus, pois a origem de tudo o conhecimento é divina. Assim, os prodígios da medicina científica não se contrapõem aos prodígios da fé, pois são ambas manifestações da graça e da misericórdia do Altíssimo. “A fé salvará o enfermo e o Senhor o aliviará”. E, assim como se serviu o Senhor da palavra dos profetas, serve-se igualmente, da arte dos cientistas.** (CABRAL, 1857, p. 37) [grifos meus].

Cabral, utilizando-se de pressupostos “científicos”, explica as ações voltadas à assistência médica prestada pelos antigos sacerdotes católicos, tornados santos e patronos de determinadas enfermidades como parte da dita “Medicina Teológica”. Demonstra, com sua escrita, não haver problemas quanto a prática de benzeduras, desde que estas invoquem santos católicos e que permaneçam na esfera da palavra, apenas, sem “receitar” qualquer outro remédio, como ervas e simpatias.

Ainda, na visão de Cabral, demonstrada na leitura do trecho a seguir, a existência dos benzedores é importante senão para a cura efetiva das doenças, mas para a propagação da fé cristã e dos santos católicos:

São as benzeduras remanescentes populares da medicina teológica. Via de regra são invocações de Deus, de Jesus Cristo, da Virgem Maria e do Santos [católicos], a fim de que valham o paciente, intercedendo uns e determinando outros em favor de sua cura. Estas orações podem ser classificadas, segundo as invocações que encerram, em três grandes grupos:

- as que invocam a Deus, nas Três Pessoas da Santíssima Trindade, e a Virgem Maria;
- as que invocam os Santos; e
- as que não contêm qualquer invocação.

Estas últimas ou perderam a invocação primitiva, com o correr dos tempos, devido a transmissão oral, de geração em geração, ou foram compostas já sem o apêlo aos Santos, sendo, portanto, um processo similar que desprezou justamente a parte essencial que é a do patronato. (CABRAL, 1957, 73) [grifos meus].

Cabral, no trecho anteriormente transcrito, deixa transparecer sua crença na fé cristã católica. Principalmente ao escrever e defender que a parte essencial da oração das benzeduras está relacionada ao patronato, ou seja, aquela que atribui uma dada enfermidade a um dos santos católicos. Desta forma as benzeduras que remetiam apenas aos santos católicos serviriam para manter acessa a chama da fé católica entre a população.

Ainda, Oswaldo Cabral parece diferenciar os benzedores que evocavam os santos católicos com orações cristãs de modo a rogar para que intercedam pela cura de alguma enfermidade e os “feiticeiros”. Estes, segundo o autor, espalhavam o mau e aceleravam a morte dos ignorantes que os procuravam. Os primeiros são, tal como registrado pela pena de Cabral, “gente inofensiva, crédula e simples” (CABRAL, 1957, p.73). Já os “curandeiros e feiticeiros” são ardilosos “exploram a credulidade alheia, com dolo preconcebido, visando apenas o lucro” (CABRAL, 1957, p. 71).

Os benzedores são, em geral, gente inofensiva, crédula e simples. Dão-se a essa prática exclusivamente por espírito filantrópico, aceitando pequenas ofertas e sinais de gratidão, sem exigir mais ou melhor. Não tem preço e gratuitamente também se prestam a executá-las. Não conhecem qualquer processo de provocar malefícios e reagem fortemente a qualquer insinuação de rezar para provocar mal. Não desejam ser confundidos com os feiticeiros e “macumbeiros”. Acreditam piamente na eficácia dos seus métodos. Não temem a ação policial, uma vez que nada administram ao paciente, nem outra coisa aconselham senão a confiança na sua benzedura. Não entram em conflito com o clero nem com a medicina oficial, seus máis declarados inimigos. O clero desautoriza as suas práticas, por heterodoxas, inócuas e esdrúxulas, uma vez que representam uma deturpação popular da medicina sacerdotal; a medicina oficial escarnece e ridiculariza o processo, uma vez que não aceita a participação do sobrenatural. É de assinalar que os benzedores procuram ser bons cristãos. (CABRAL, 1958, p.73-74).

Cabral, mesmo que de forma indireta, atribuía o exercício da “feitiçaria” aos africanos ou seus descendentes, já, aos benzedores evocadores dos santos católicos, seriam os brancos portugueses e seus descendentes. Deixando, mesmo que de forma implícita, que práticas ditas atrasadas, como as classificadas por ele como feitiçaria e curandeirismo, estariam relacionadas às populações africanas ou afro-brasileiras.

De um modo geral, Cabral escolheu e usou termos e palavras, que, a princípio, procuravam depreciar práticas de cura já exercidas no país antes da vinda da família real para o Brasil, como é possível perceber no trecho a seguir:

Não consiste novidade afirmar-se que o exercício da arte de curar, no Brasil, só começou a apresentar vestígios de organização, embora de início bastante rudimentar, depois da chegada à Baía da Família Real Portuguesa. O século XVIII conheceu, no próprio Reino, a maior desorganização e a maior confusão, que, no Brasil, é claro, atingiram proporções incalculáveis. **O curandeirismo, a feitiçaria, as práticas estranhas abundaram, conseqüentes à ignorância e às superstições mais absurdas, atingindo altas e baixas esferas sociais**, quiçá os próprios licenciados que, em número reduzidíssimo, não haviam certamente de fugir àquela mordaz classificação dos que “curavam por ignorância e matavam por experiência”. (CABRAL, 1942, p. 11) [grifos meus].

Se por um lado foi com a vinda da Coroa portuguesa para a sua principal Colônia, o Brasil, que foram autorizadas e criadas as primeiras faculdades de medicina no Brasil uma em Salvador e outra no Rio de Janeiro, por outro, deve-se atentar ao fato de que, até então, a própria população recorria aos saberes tradicionais sobre doenças e curas para aliviar suas dores, o que, definitivamente não quer dizer que o faziam em razão de ignorância, como aduz Cabral.

Vale lembrar ainda que foi por determinação desta mesma família real, que houve um afastamento das instâncias de produção de saberes científicos no Brasil.

[...] é somente na segunda metade do século XVIII que surgem no Brasil as primeiras academias inspiradas nas já existentes em Portugal. Sediadas na Bahia e no Rio de Janeiro, essas instituições congregavam **padres, magistrados, funcionários graduados da Coroa, bacharéis, senhores de engenho letrados e alguns poucos físicos e cirurgiões**. (MIRANDA, 2017, p. 75) [grifos meus].

Não é minha intenção contrapor a medicina científica a uma de cunho natural pautada em saberes orais e empíricos. Mas não se pode elidir pensar historicamente a forma como o saber produzido por e sobre a medicina científica e as outras práticas de cura foi, no Brasil, construído por médicos, bacharéis em direito, engenheiros (SABINO MARTINS, 2018). Profissionais os quais estavam mais comprometidos com um conjunto de valores de uma dada “cultura”⁴ eurocêntrica na qual eles foram inseridos.

Serve como ilustração do anunciado a verificação dos integrantes desse grupo produtor e frequentador das academias no Brasil: “Padres, magistrados, funcionários graduados da Coroa, bacharéis, senhores de engenho letrados e alguns poucos físicos e cirurgiões” (MIRANDA, 2017).

4 Pode-se entender cultura como um conjunto de “teias de significados” tecidas pelo próprio homem, considerando assim, em um sentido semiótico, mais como uma ciência interpretativa do que experimental (GEERTZ, 1978, p.4).

De uma forma geral, é o objetivo do texto demonstrar como a produção e circulação de repertórios sobre conhecimentos médicos científicos em Santa Catarina, produzidos pelo médico Oswaldo Rodrigues Cabral, foi utilizado como fator de distinção social e de exercício de poder político e econômico, sobretudo no tocante às artes de curar.

As relações decorrentes da capacidade de curar, supõe-se, passarão a ser objeto de disputa entre, de um lado, os representantes de um saber dito tradicional sobre a cura – os curadores – e, de outro, os ligados ao modelo científico, oficial – os médicos – formados pelas instituições científicas criadas a partir do modelo português-europeu no Brasil (SABINO MARTINS, 2018, p. 24-25).

Atualmente as instituições e instâncias nacionais de produção de conhecimento, tais como as universidades, produzem e reconhecem um saber acadêmico aos moldes europeus. Uma produção e circulação realizadas segundo um modelo de validação científica, ainda, devedora do modelo cientificista eurocêntrico. Desprezando, por muito tempo, tantas outras formas de conhecimento e saberes, os quais serão classificados por este mesmo meio acadêmico como “saberes tradicionais”. A exemplo dos conhecimentos transmitidos pelas culturas cujas formas de transmissão são pautadas, essencialmente, na oralidade, como os originados pelos nativos indígenas e pelos escravizados e seus descendentes (SABINO MARTINS, 2018).

A respeito desse modelo cientificista, ou de uma ideia de ciência, filósofos ou historiadores, são quase unânimes em concordar que existem diferentes formas de sua concepção. A priori, coexistem duas concepções opostas sobre um conceito para ciência. Uma que a considera resultante de um processo cumulativo e progressivo e outra histórica sobre a construção de um determinado conhecimento ou fato científico (FERLA, 2009, p. 47).

Este texto é, de alguma forma, pautado na segunda concepção. Ou seja, a que procura identificar os processos e dinâmicas históricas que envolveram a produção de um determinado conhecimento.

Talvez a ciência não se desenvolva pela acumulação de descobertas e invenções individuais. Simultaneamente, esses mesmos historiadores [os da Ciência] confrontam-se com dificuldades crescentes para distinguir o componente “científico” das observações e crenças passadas daquilo que seus predecessores rotularam prontamente de “erro” e “superstição”. Quanto mais cuidadosamente estudam, digamos, a dinâmica calórica, tanto mais certos tornam-se de que, como um todo, as concepções de natureza outrora correntes não eram nem menos científicas, nem menos o produto da idiosincrasia do que as atualmente em voga. [...]. **Se por um lado, elas devem ser chamadas de ciências, então a ciência inclui**

conjuntos de crenças totalmente incompatíveis com as que hoje mantemos. Dadas essas alternativas, o historiador deve escolher a última. Teorias obsoletas não são em princípio acientíficas simplesmente porque foram descartadas. (KUHN, 2017, p. 61) [grifos meus].

A julgar pela forma como são tratadas estas outras teorias relacionadas ao saber tradicional sobre a doença e a cura nas obras de Cabral, é pertinente supor que ele percebia a produção de conhecimento como o resultado de uma acumulação de descobertas. E, ainda, que os conhecimentos obtidos anteriormente à era do esclarecimento e da ciência propriamente dita, não passavam de erros, mitos e superstições.

Cabral e a produção do conhecimento médico-científico em Santa Catarina

Oswaldo Rodrigues Cabral (1903-1978) foi professor normalista e universitário, escritor, médico, antropólogo, historiador e político catarinense. Foi, segundo seus pares, um dos mais atuantes historiadores brasileiros do período compreendido entre 1940 e 1970 (REIS in CABRAL, 1972d, s/n). Tinha como foco o “exame do passado de sua terra natal, Santa Catarina” escrevendo e pesquisando “à luz da melhor documentação e com uma fidelidade e segurança que o credenciam ao respeito e à admiração de todos os brasileiros” (REIS, in CABRAL, 1972d, p. I).

Conforme relatos de seus colegas contemporâneos, Cabral teria sido um referendado cientista. A despeito de serem opiniões produzidas por pessoas do convívio social e das redes de sociabilidades de Cabral, impressiona as virtudes atribuídas ao médico catarinense nesta espécie de bibliografia hagiográfica. Contudo, é importante o registro para dar uma dimensão da importância e prestígio atribuídos à pesquisa de Oswaldo Rodrigues Cabral, em Santa Catarina.

Seus pares intelectuais o classificavam como um “cientista-escritor”, cujos trabalhos, alguns com repercussão internacional, revelavam características de um “homem de ciência”. Escreviam longos elogios a Cabral, atribuindo-lhe raciocínio lógico, capacidade de interpretação dos fatos, e um grande poder de análise das fontes e documentos históricos da época (UNGARETTI, 2005).

Impressiona sua capacidade de trabalho, pela obra numerosa e variada que deixou. Mas impressiona, sobretudo como conseguiu produzir tudo o que produziu numa época em que não havia sequer o xérox, [...]. A máquina elétrica de escrever foi a última novidade tecnológica com que Oswaldo Cabral conviveu e à qual, aliás, aderiu desde logo, passando a utilizá-la com desembaraço. Entretanto, copiou à mão, [...] milhares de textos. [...] Jornais antigos, documentos de empoeirados arquivos, páginas de autos judiciais, registros eclesiásticos, velhos livros de atas, papéis que dormiram nas gavetas tempo maior do que viveram gerações neste mundo, enfim,

todo esse itinerário que os historiadores percorrem árdua e pacientemente, Oswaldo Cabral visitou [...] ao longo de quase cinquenta anos. Tudo reunia ou resumia em cadernos ou fichas redigidos a mão, naquela letra miúda que os anos não alteraram. (UNGARETTI, 2005, p. 28-29)

Cabral empenhava-se, além do exercício de historiador e as constantes idas aos arquivos para a compilação de documentos, ao exercício da medicina. Ele formou-se no ano de 1929 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, então Universidade do Brasil. Naquela ocasião apresentou e defendeu trabalho intitulado *Problemas Educacionais de Higiene*. Neste trabalho, defendeu o ensino de práticas de higiene e saúde nas escolas primárias do país como uma das únicas formas de erradicar as endemias do país. Cujas causas, segundo ele, seriam a falta de higiene e os maus hábitos sanitários do povo brasileiro.

Oswaldo Cabral foi, ainda, membro de mais de trinta instituições científicas no Brasil. Foi integrante da Associação Brasileira de Antropologia, da Sociedade Brasileira de Sociologia, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, membro da Comissão Nacional de Folclore, da Academia de História do Estado de São Paulo. Pertenceu e participou ativamente de importantes instâncias de produção e circulação de conhecimentos em Santa Catarina, tais como a Academia Catarinense de Letras, o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, a Faculdade de Filosofia além da Universidade Federal de Santa Catarina (SABINO MARTINS, 2018), ou seja

[...] Cabral foi o intelectual que melhor projetou Santa Catarina, entre os finais dos anos trinta e os anos setenta do século passado. Faltaram-lhe, porém, críticos sérios, editores e políticas de governo voltadas para a valorização de sua obra, bem como a de outros intelectuais que lhe foram contemporâneos. Se tivesse vivido no Nordeste, no Sudeste, ou mesmo no Rio Grande do Sul, certamente, seu trabalho teria tido outra repercussão. A sua diversificada obra, constante de mais de cinquenta livros, além de algumas dezenas de artigos, demonstra cabalmente sua competência e sua capacidade de trabalho. (COELHO DOS SANTOS, 2005, p. 17)

Apesar do teor evidentemente laudatório da citação, dela é possível depreender o quanto Oswaldo Cabral foi um dos intelectuais que mais produziu sobre história, cultura, folclore⁵ e ciência médica em Santa Catarina, o que por si só pode justificar estudos históricos sobre este homem de letras catarinense.

5 Para Cabral, como se pode inferir, o folclore é uma ciência, com métodos e lógica capazes de captar e registrar usos, costumes e práticas que irão atribuir uma certa identidade a um grupo de pessoas, no caso, uma ideia do que poderia ser catarinense, no sentido de “fazer ver a alguém o que é e, ao mesmo tempo, lhe fazer ver que tem de se comportar em função de tal identidade” (BOURDIEU, 1998). Ver, ainda, (BURKE, 1989; ORTIZ, 1992).

Dono de uma vasta produção sobre os temas acima destacados, de forma a simplificar e para efeitos da discussão neste texto, evidenciamos duas obras históricas: *Santa Catarina: História – evolução*, publicada em 1937, e *João Maria: Interpretação da Campanha do Contestado*, de 1960. Ambos os livros podem ser considerados como representativos da historiografia catarinense daquele período. Tanto que foram publicadas pela celebrada Editora Nacional, da Série Brasileira, que tentava angariar produções históricas e culturais dos mais diferentes estados nacionais, com o patrocínio e aval do governo varguista.

Destaca-se, ainda, a defesa empreendida por Cabral para a implementação de uma educação higiênica e de inculcação de bons hábitos sanitários e de profilaxia na população brasileira desde tenra idade. Fase essa bastante percebida em seu trabalho de conclusão do curso de formação em Medicina no Rio de Janeiro.

Essa preocupação sobre educação e higiene para o bem da saúde é percebida em outras obras de Cabral, principalmente as produzidas entre as décadas de 1940 e 1950, tais como *“Medicina, médicos e charlatães do Passado”* (1942) e *A medicina teológica e as Benzeduras* de 1957 (SABINO MARTINS, 2018).

Nos anos de 1971 e 1972, são publicados, pelas Oficinas Gráficas da Imprensa da Universidade Federal de Santa Catarina, quatro volumes que compreendiam o livro *Nossa Senhora do Desterro*. Obra considerada pelo próprio autor como o livro que ele sempre quis escrever. E que um de seus mais citados livros *Medicina, Médicos e Charlatães do Passado* não passava de um “balão de ensaio” para a escrita de *Nossa Senhora do Desterro* (CABRAL, 1972b, s/n).

O livro *Nossa Senhora do Desterro*, foi dividido, inicialmente, em quatro volumes: *Notícia I* (1971), *Notícia II*, *Memória I e Memória II*, (1972). Em 1979, um ano após a morte de Cabral, *Nossa Senhora do Desterro* foi reeditada em dois volumes pela editora Lunardelli (SABINO MARTINS, 2018). *Nossa Senhora do Desterro* consiste em mais de mil páginas sobre histórias da cidade de Desterro/Florianópolis⁶. Nas badanas dos quatro volumes, não faltaram elogios exacerbados à Cabral, à sua forma de escrever história.

É com a publicação de *Nossa Senhora do Desterro*, que se encerra a produção sobre conhecimento histórico-médico-científico de Cabral. Esta produção, ou missão civilizadora como proposta de

6 Até 1894 a cidade de Florianópolis chamava-se Nossa Senhora do Desterro, ou, simplesmente Desterro.

interpretação, é, de alguma forma, iniciada com a formação em medicina e a “defesa” de seu trabalho em 1929.

A produção e circulação de saberes e conhecimentos médico-científicos, assim como a missão de bem servir ao propósito civilizador erradicando os maus hábitos de higiene e saúde dos brasileiros, ao que tudo indica, deveria estar a cargo dos intelectuais e dos homens de Ciência, tal como parecia acreditar Oswaldo Rodrigues Cabral e tantos outros homens de letras de sua época.

Assim, foi para conseguir tal intento que Cabral empenhou esforços em produzir e divulgar, quer seja por meio do ensino, quer pela escrita de suas pesquisas históricas. Ou, ainda, por meio da ação de médico propriamente dita; operando, educando, saneando, curando a população doente, corrigindo o que ele próprio considerava erros e práticas ruins.

Não é obra de derrotismo apontar os males para que sejam corrigidos e para que não perdurem. Cumpre, se não sermos os precursores da obra formidável de levantar o gigante que dorme ‘ao som do mar e á luz do céu profundo’, pelo menos, os continuadores daqueles que, dentre nós, acalentando o mesmo sonho, pelo muito que fizeram, se ‘foram da lei da morte libertando’ – É preciso ter fé. É preciso crer. Crer no Brasil, no Brasil grande, no Brasil magnífico. (CABRAL, 1929, p. III).

Segundo se pode inferir da citação, Cabral acreditava ser obra necessária “acordar” o gigante que dorme, despertar o país de um pesadelo rústico, natural, colonial, selvagem, bárbaro e incivilizado. Assim empenhou-se em tentar mudar uma matriz de pensamento pautada em superstições e crendices, segundo sua visão, para uma que contemplava o tempo da razão e do iluminismo. Trazendo a população para a era da medicina científica (SABINO MARTINS, 2018), para tanto seria necessário o esforço de todos os “cidadãos de boa vontade”:

Haja vista para a attitude das mais altas individualidades da medicina, do clero, do commercio, da industria, etc... da Capital Federal, fundando o “Comité de Cooperação Voluntária á Saúde Pública – e á frente do qual se collocaram nomes por si sós expressivos, como do Snr. Arcebispo Coadjutor do Rio de Janeiro, D. Sebastião Leme, do Prof. Miguel Couto e tantos outros – para dar mais efficiente combate á febre amarella. E, assás louvavelmente, propos-se o Comité a intensificar a propaganda entre o povo das boas noções, afim de que elle recebesse bem e bem cumprisse as medidas aconselhadas e impostas pelos médicos, numa época de tantos sobresaltos e prejuízos. (CABRAL, 1929, p. 9)

Assim, era necessário inscrever, por meio dos mais diferentes recursos e repertórios, uma nova ciência médica no país, além de operar a cultura e costumes deste povo, segundo se pode inferir de suas obras e ações. Repertórios que deveriam circular nas cidades e nos mais recônditos lugares.

Contribuindo para extirpar, segundo é possível concluir, os males arraigados na sociedade. Ou não permitir que cresçam práticas que não respeitem as normas da “higiene”, da boa saúde e da Medicina, tal como parecia acreditar Cabral (SABINO MARTINS, 2018).

Males ou doenças, consideradas por muitos médicos e intelectuais da época, como entraves para o avanço e a civilização da nação, como se pode observar no trecho a seguir:

O Brasil todo precisa usar intensamente desta therapeutica preparatória. Calcule-se, pelas dificuldades observadas na própria Capital do paiz o quanto não será difícil impôr medidas prophylacticas e hygienicas em todo o seu vasto território! É preciso ensinar o povo. É preciso educal-o. É preciso que cada cidadão saiba defender-se das doenças, que cada um saiba considerar o preço da própria saúde. E, muito mais, que cada um faça o mais elevado conceito do bem estar collectivo, da saúde dos seus semelhantes. [...] é preciso que amanhã, cada cidadão compenetrado da necessidade das medidas hygienicas indispensáveis á própria vida e á dos seus concidadãos, seja um fiscal attento e um cumpridor á risca daquelles preceitos, que se sinta mal quando, por qualquer circunstância eventual, deixar de pratical-os. (CABRAL, 1929, p. 9)

Segundo possíveis interpretações dos textos de Cabral, seria necessário reverter um cenário tido como desolador das cidades e da população brasileira consistia em importante ação civilizadora. Além de prevenção de doenças, sobretudo àquelas causadas por bactérias e outros seres microscópicos parasitas nocivos à saúde pública, de um modo geral. Mas que, a bem de uma verdade, estavam mais ligados à manutenção de braços saudáveis para o trabalho nas fábricas que cresciam nos grandes centros urbanos do país.

Para tanto, Oswaldo Cabral aplicava, ao que tudo indica, os ensinamentos e conhecimentos adquiridos ao longo do curso de formação em Medicina. Como pode-se inferir a partir da leitura de trecho extraído de um caderno de anotações do período em que cursou medicina em Curitiba.

Conhecimentos e ensinamentos sobre a Parasitologia⁷, (disciplina da biomedicina que estuda a relação entre os parasitas e seus hospedeiros), que serviam bem ao propósito higienista e sanitarista, tão em voga nas décadas iniciais do século XX, no Brasil.

Parasitismo. Definição. Diferentes modos. Do hospedeiro, da evolução. Pathologia e reação do organismo.

(Bill, **Guiart, Brumpt**)

7 Sobre a parasitologia no Brasil ver (EDLER, 2011), no contexto ocidental: (GUIART, 1910) e (CHANDLER, 1955).

Nós consideramos como parasitas todos os seres vivos – animais e vegetaes – que, durante uma parte ou na totalidade de sua existência vive ás expensas de outros seres organizados [sic].

Segundo muitos autores, certos animaes livres, são susceptíveis de viver alguns dias ou mesmo alguns mezes [sic] no organismo humano. Dá-se á esta forma de parasitismo, não estabelecida pela experimentação o nome de parasitismo accidental (**Brumpt**). Entretanto, outros autores dão o nome de parasitos accidentaes ou “facultativos”, áquelles que podem desenvolver-se indifferentemente nas matérias organicas em decomposição ou nos corpos dos animaes vivos. Seriam os saprophitos e os paprozoarios [sic] (**Guiart**). **Brumpt**, a este respeito, registra os saprophitos e os saprozoarios [sic], como facultativos. A esta espécie se oporão aquelles a quem **Guiart** denomina de propriamente dictos e **Brumpt** de parasitos necessários ou obrigatórios. Aqui, optamos pela classificação de **Guiart** pois elle assim os divide:

Errantes: quando vivem sobre o hóspede apenas no momento da nutrição; p. ex: pulga, mosquito etc.... (CABRAL, 1924, s/n) [grifos meus]

Cabral registrou diversas doenças provocadas por esses parasitas especificando os “symptomas”, a “etiologia”, as “complicações”, o “diagnóstico”, o “prognóstico”, a “prophylaxia” e, o mais importante, o “tratamento”.

Entre as doenças registradas e aprendidas por Cabral, pode-se citar a “Dysenteria amebiana ou a Amibose intestinal” e o “Paludismo” (CABRAL, 1924, s/n). Destaque à profilaxia recomendada, quase sempre associada às práticas de higiene e saneamento.

A profilaxia para evitar o contágio para tais males consiste em recomendação sobre águas paradas, sobre sujeira, destino adequado das fezes humanas e dos animais, manutenção de habitações arejadas, não cuspir ou escarrar dentro dos ambientes, andar sempre com os pés calçados (CABRAL, 1924, s/n). Recomendações nem sempre tão fáceis ou disponíveis para toda a população, quer seja durante o início do século XX, quer seja atualmente em pleno século XXI.

Outra importante observação a ser feita sobre a circulação de saberes médico-científicos naquele período percebida nos seus registros acadêmicos do caderno analisado, consiste no fato de Cabral ter citado nomes de importantes cientistas franceses, tais como Alexandre Joseph Émile Brumpt (1877-1951) e o parasitologista e Jules Guiart (1870-1965), especialista em parasitologia e história da Medicina.

Emile Brumpt, por exemplo, foi um dos responsáveis pelo desenvolvimento do que veio a ser conhecido como método de xenodiagnóstico, proposto em 1914. Este método foi bastante usado para verificar a presença de agentes patógenos expondo ao material infectado um suposto vetor (hospedeiro

do parasita patogênico) (DIAS, E. 1949). Resultando em importante meio para o diagnóstico da doença de Chagas, no Brasil, por exemplo.

A referência ao processo desenvolvido por Brumpt, embora não citando o nome “xenodiagnóstico”, encontrada no caderno de anotações de aulas durante a faculdade de medicina, em 1924, permite supor, ao menos, duas fundamentais atividades desenvolvidas por Oswaldo Cabral e seu repertório de obras médico-científicas. Em primeiro lugar, o reconhecimento de seu papel na difusão de ideias, fatos e processos científicos os quais teve acesso quando de sua formação como médico. E, em segundo, o fato de Cabral ter atuado, apesar dos problemas apontados, como um decodificador ao traduzir, em termos mais sensíveis para a população em geral, um conjunto de novas práticas médicas científicas (SABINO MARTINS, 2018).

Isto nos leva a pensar que, se por um lado, foi fundamental a existência de laboratórios e comunidades médico científicas nos principais centros urbanos do País (Rio de Janeiro e Salvador, principalmente), como, por exemplo os que desenvolveram estudos sobre a fisiologia brasileira no final do século XIX (GOMES, A.C., 2013), por outro, de nada adiantaria se estes saberes e conhecimentos permanecessem encastelados nestes centros. Caso essa disseminação de práticas e ideias não ocorresse nos locais onde “pululavam” as epidemias que grassavam a população e exauriam as “forças produtivas” da nação, nenhum esforço teria obtido um resultado, ao menos satisfatório, na manutenção de braços saudáveis para a “construção da nação” (SABINO MARTINS, 2018)

Assim a produção literária do médico e historiador Oswaldo Cabral, em resumo, estava inserida neste projeto de disseminação de práticas e ideias sobre a medicina dita científica. Um esforço duplo, tanto de disseminação desse conhecimento, quanto de combate e proscricção de saberes populares e tradicionais, por ele considerados atrasados e mesmo nocivos”.

Considerações finais

Na virada do século XIX para o XX, os problemas apontados de saúde e higiene afetavam todo o Brasil, indistintamente. Importantes centros urbanizados e industrializados do país, como São Paulo e Rio de Janeiro, não estavam em situação melhor que as cidades do interior do estado de Santa Catarina, por exemplo (SABINO MARTINS, 2018).

Há que se considerar que o aumento da população tanto na cidade do Rio como em São Paulo agravava os problemas de saúde pública exatamente pela falta de saneamento e boas práticas de higiene,

mais do que pelas recorrentes práticas de cura oriundas de saberes tradicionais. De forma que novos comportamentos e práticas deveriam ser aplicados em Santa Catarina, como no nosso caso, mas também por todo o Brasil.

Caso contrário, não haveria como sanear a população dos males de saúde pública, tal como parece ter sido a bandeira defendida por muitos médicos sanitaristas daquele período histórico (SABINO MARTINS, 2018). Atividade de que se serviram os médicos, usando de repertórios que divulgassem e propagassem o que acreditavam ser boas práticas de higiene e novos hábitos, usos e costumes para tratar a doença.

Mesmo que estes repertórios provocassem a formação de uma memória hegemônica sobre um certo passado catarinense, o que classifiquei de colonização da memória, a exemplo da produção bibliográfica de Oswaldo Cabral, em Santa Catarina. Principalmente ao se referir sobre os curadores, fortalecendo uma hegemonia da ciência médica e da classe dos médicos sobre a cura e sobre a doença. De alguma forma, Oswaldo Cabral fragmentou e esvaziou o prestígio que tinham os saberes populares e tradicionais sobre o corpo humano de culturas diferentes da que lhe fora apresentada como modelo, como a mais evoluída, como mais “civilizada”.

Neste sentido, Cabral não fugiu à regra recorrente naquele contexto histórico e social. Em um papel de intelectual de província, com uma formação médico científica, produziu um conhecimento sobre usos e costumes relacionados à saúde e à cura, que valorizava o saber dito científico em detrimento do empírico. Estava, portanto, em consonância com outros médicos do Brasil, que se ocuparam da tarefa de produzir uma memória sobre a medicina nacional e as demais ciências de forma atemporal e descontextualizada.

Ao mesmo tempo em que produziam um discurso científico como o único capaz de produzir verdades, essa tentativa estava intimamente relacionada ao desenvolvimento da sociedade capitalista e aos esforços dos grupos economicamente poderosos do país. De forma a manter posições de controle e privilégio, seja na própria economia, na política, ou mesmo na produção de conhecimento.

Ao explicar e naturalizar as desigualdades e injustiças sociais, classificando saberes como melhores ou piores, o discurso científico contribuiu para configurar uma nova forma de dominação. Tanto mais em um momento crucial para a história brasileira no qual os tradicionais pilares de

sustentação das elites senhoriais, o trabalho escravo, a inviolabilidade da vontade dos proprietários de terra, a reprodução de laços de dependência pessoal, começam a ruir.

A produção e circulação de conhecimento médico e científico em Santa Catarina pelo médico Oswaldo Cabral, na medida em que classifica as mais variadas práticas de cura, diferentes da medicina científica, como charlatanismo e curandeirismo, práticas estas criminalizadas pelo código pena de 1840, transformou seus praticantes, em bárbaros e atrasados, sujeitos que estavam na contramão do progresso e da civilização, em um diálogo próximo com o modelo de desenvolvimento implementado pelos países europeus (CHALHOUB, 2003, p. 12).

Por fim, em termos práticos, apesar do discurso com pretensão a se tornar hegemônico, é a partir das teorias médico científicas aprendidas por Cabral durante sua formação acadêmica e divulgadas por ele por meio de sua produção intelectual, que houve uma difusão desses conhecimentos médico científicos. O que, supomos, contribuiu para uma reeducação de hábitos e costumes e saberes sobre doenças e curas há muito arraigados na sociedade brasileira, de um modo geral, e catarinense em particular. Foi, portanto, promovendo uma disseminação de ideias e conhecimentos sobre ciência médica em linguagem mais acessível ao grande público, que Oswaldo Cabral pode ser considerado como um dos precursores do que veio a se chamar saúde pública em Santa Catarina.

Referências

1. Fontes

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **Parasitologia**. Curitiba: Manuscrito pelo autor, 1924.

_____. **Problemas Educacionais de Higiene: Trabalho para obtenção do grau de Doutor em Medicina à Faculdade de Medicina**. Rio de Janeiro: editado pelo autor, 1929.

_____. **Medicina, Médicos e Charlatões do Passado**. Florianópolis: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Departamento Estadual de Estatística do Estado de Santa Catarina – Oficinas da Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 1942.

_____. A medicina Teológica e as Benzeduras: suas raízes na história e sua persistência no folclore. **Revista do Arquivo Municipal**. Vol. CLX, ano XXIV, abril a junho. São Paulo: Divisão do Arquivo Histórico do Departamento de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura de São Paulo, 1957.

_____. *et al.* **Povo e tradição em Santa Catarina**. Florianópolis: Ederme, 1971b.

_____. **Nossa Senhora do Desterro: Notícia I.** Florianópolis: Oficinas Gráficas da Imprensa da Universidade Federal de Santa Catarina, 1971a.

_____. **Nossa Senhora do Desterro: Notícia II.** Florianópolis: Oficinas Gráficas da Imprensa da Universidade Federal de Santa Catarina, 1972a.

_____. **Nossa Senhora do Desterro: Memória I.** Florianópolis: Oficinas Gráficas da Imprensa da Universidade Federal de Santa Catarina, 1972b.

_____. **Nossa Senhora do Desterro: Memória II.** Florianópolis: Oficinas Gráficas da Imprensa da Universidade Federal de Santa Catarina, 1972c.

_____. **As defesas da Ilha de Santa Catarina no Brasil-Colônia.** Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1972d.

2. Bibliografia

ANDRADE, Mário de. **Aspectos da literatura brasileira.** São Paulo: Martins, 1974

AMARAL, André Portela do. Entre diferenças e similaridades: um estudo comparativo a respeito dos olhares sobre a “saúde” e a “doença” em “manuais de medicina popular”, homeopáticos e alopáticos, de finais do oitocentos. **História em Revista.** Pelotas/RS, 13-31, V. 26/1, dezembro, 2020.

BOURDIEU, Pierre. **Campo de poder, campo intelectual.** Buenos Aires: Folios, 1983.

_____. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Difel, 1989.

BURKE, Peter. **Cultura popular na idade moderna.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989

CHALHOUB, Sidney. *et al* (orgs.). **Artes e Ofícios de curar no Brasil: capítulos de história social.** Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2003.

CHANDLER, Asa C. **Introducion to Parasitology.** New York: John Willy, 1955.

COELHO DOS SANTOS, Sílvia *et al.* (orgs.) (2005) **Oswaldo Rodrigues Cabral na Historiografia Catarinense.** Florianópolis: IHGSC, 2005.

DIAS, Emmanuel. Técnica do xenodiagnóstico na moléstia de Chagas. In: **Memórias do Instituto Oswaldo Cruz,** Rio de Janeiro: Tomo 35, pp. 335-342, 1949.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura.** São Paulo: Editora Unesp, 2011.

EDLER, Flávio Coelho. A medicina brasileira no século XIX: um balanço historiográfico. **Asclepio,** V. L-2, 1998.

EDLER, Flávio Coelho. **A medicina no Brasil Imperial: clima, parasitas e patologia tropical.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador, volume 2.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

_____. **Escritos e Ensaios, volume 1.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. Os manuais de medicina e a circulação do saber no século XIX no Brasil: mediação entre o saber acadêmico e o saber popular. **Educar,** Curitiba, n. 25, p. 59-73, 2005.

_____. **A Arte de Curar. Cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais.** Belo Horizonte: Argvumentvm, 2008.

- FERLA, Luis. **Feios, sujos e malvados sob medida: a utopia médica do biodeterminismo**. São Paulo: Alameda, 2009.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989
- GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso fictício**. São Paulo: Companhia da Letras, 2007.
- GOMES, Ana Carolina Vimieiro. **Uma ciência moderna e imperial: A fisiologia brasileira no final do século XIX (1880-1889)**. Belo Horizonte; Campina Grande/PB; Rio de Janeiro: Fino Traço; EDUEPB; Ed. FIOCRUZ, 2013.
- GONÇALVES, Janice. **Sombrios umbrais a transpor: arquivos e historiografia em Santa Catarina no século XX**. Tese (Doutorado em História Social) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- GUIART, Jules **Précis de parasitologie**. Paris: J.B. Baillière, 1910.
- HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: El. PUC-Rio: Apicuri, 2016.
- HOBSBAWM, Eric. **Era do Extremos: o breve século XX: 1914-1991**, São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. **A arte de curar nos tempos da colônia: limites e espaços da cura**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2017.
- ORTIZ, Renato. **Românticos e folcloristas**. São Paulo: Olho de água, 1992.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, pp. 3-15, 1989.
- SABINO MARTINS, Marcelo. **Entre a pena e o bisturi: Oswaldo Cabral e a colonização da memória em Santa Catarina, (1929-1972)**. 2018. 404 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.
- SAMPAIO, Gabriela dos Reis. **Nas trincheiras da cura: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro Imperial**. Campinas/SP: Ed. da Unicamp, 2001.
- SANTOS FILHO, Lycurgo de Castro. **História Geral da Medicina Brasileira**. São Paulo: HUCITEC/EDUSP, 1991.
- SHAPIN, Steven. **Nunca Pura: Estudos Históricos de Ciência como se fora produzida por pessoas com corpos situadas no tempo, no espaço, na cultura e na sociedade e que se empenham por credibilidade e autoridade**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.
- UNGARETTI, Norberto. Homenagem na Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina. In: COELHO DOS SANTOS, Silvio. *et al.* **Oswaldo Rodrigues Cabral na Historiografia Catarinense**. Florianópolis: IHGSC, 2005.
- VELLOSO, Mônica Pimenta. **Os intelectuais e a política cultural no Estado Novo**. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 1987.

WEBER, Beatriz Teixeira. **As artes de curar: Religião, Magia e Positivismo na República Rio Grandense - 1889-1928**. Santa Maria/RS; Bauru/SP: Ed. da UFSM e EDUSC, 1999.

_____. Algumas considerações sobre história, saúde e homeopatia. **História Unisinos**. V. 10, nº1, p. 26-34, janeiro/abril, 2006.

WITTER, Nikelen Acosta. **Dizem que foi feitiço: as práticas de cura no sul do Brasil (1845-1880)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.